

COMBATE COM OS PRETOS

No dia 14 de fevereiro, antes do meio-dia, em quanto navegavamos com olhar attento, encontramos uma ilha, a qual, passado um momento de hesitação, costeámos do lado direito. Duas ilhas que ficavam á direita occultavam-nos a terra firme, e depois de navegarmos duas milhas, desembocamos em frente d'uma villa pequena, situada na margem direita do rio.

Era tarde para voltar para traz; continuamos a descer, costeando de perto a ilha, com a esperança de encontrarmos um novo canal antes de

sente satisfará os chefes. Agora, em quanto vou tomar a altura do sol, preparem as armas, as munições, e que os escudos estejam promptos para quando se ouvir o primeiro tiro. Não tenho outro meio de os salvar, porque d'aqui até ao mar todos os indigenas possuem espingardas, os habitantes são negros como vós, e haverá com espingardas contra uma das nossas. Se é preciso morrer, morreremos como homens, com a espingarda na mão. Agora, em quanto vou tentar entabolar negociações com os selvagens, desejo que nenhum de vós falle nem se mova.»

Abordamos a uma ilhota situada em frente



COMBATE CONTRA SESENTA E TRES CANOAS DE PRETOS

sermos vistos. Mas, que fatalidade! mesmo no meio da oração em que imploravamos o nosso salvamento, ouviu-se o ruido secco d'um timbale indigena, cujo rapido rufar nos fez subir o sangue ao coração e prestar a maior attenção para ouvir a resposta. Ouviu-se d'ahi a pouco outro rufar, em seguida outro, e depois outro, e finalmente ouviram-se os grandes tambores de guerra chamando ás armas.

Desesperado, levantei-me, e, voltando-me para os meus desgraçados companheiros, disse-lhes:

«Meus amigos: não podemos escapar a estes sanguinarios pagãos, é inutil esperar que isso aconteça. Estes tambores significam batalha. Comtudo, é possível que estes indigenas sejam os Bangala; n'este caso, as suas relações commerciaes tel-os-hão posto em contacto com os homens da costa, e então um insignificante pre-

da primeira aldeia. Entretanto, os continuados rufos de tambores haviam excitado no maior grau o furor dos selvagens. Reuniam as suas canoas, carregavam as espingardas e aguçavam as lanças e os sabres; tudo isto contra nós e só porque eramos desconhecidos e navegavamos nas suas aguas. Comtudo, estavamos promptos a alcançar a sua estima, pagando qualquer tributo, com tanto que nos deixassem passar em paz.

Lentamente e em silencio afastamo-nos da sombra que havia em redor da ilha e continuamos a descida do rio. D'alli a pouco, vi sahir do ancoradouro numerosas canoas. Ao aproximar-me d'ellas, levantei-me, empunhando n'uma das mãos um grande pedaço de fazenda vermelha, e na outra um rolo de latão. Os meus homens pararam de remar, largaram os remos no fundo

dos barcos e assentaram-se em silencio, preparados, comtudo, para o que podesse succeder. Ao passo que nós avançavamos assim para sotavento, aproximavam-se numerosas canôas.

Saudtei os indigenas; mas a minha saudação ficou sem resposta.

Tres ou quatro canôas aproximaram-se do *Oceano* com apparencia muito duvidosa; alguns dos tripulantes ameaçaram Frank, ao que retribuiu ameaçando-os tambem com a sua carabina. Achando este acto inconveniente e prematuro, ordenei a Frank que se assentasse e desviasse a vista para outro lado. Levantei novamente a fazenda escarlate e o latão, dando a entender que offerecia estas coisas. Mas, de repente, os indigenas que tinham ameaçado Frank atiraram sobre o meu barco e sobre o *Oceano*. Alguns dos nossos homens ficaram feridos. Os projectis que nos dirigiram eram pedaços de mineral de ferro e cobre ponteados, exactamente como os que usam os Achantis. Depois d'um ataque tão mortifero, tornava-se impossivel qualquer conciliação. Os escudos foram collocados em frente dos atiradores, protegendo-os perfeitamente contra os pedaços de ferro.

O combate empenhou-se com egual ardor de ambos os lados e prolongou-se por tanto tempo, que julguei conveniente fazer nova distribuição de munições.

Em quanto durou a batalha cada aldeia enviou o seu contingente. Pelas duas horas, uma canôa cuja tripulação estava certamente embriagada, aproximou-se até menos de trinta jardas e deu uma descarga de fusilaria sobre nós. O meu barco avançou rapidamente para capturar a atrevida canôa; mas os tripulantes d'ella saltaram para a agua, e como eram excellentes nadadores, foram salvos pelos seus amigos. As tres

horas, o numero das canôas que nos atacavam elevava-se a 63.

Entre os nossos adversarios distinguia-se um joven chefe, que trazia um barrete branco de pelle de cobra e um manto da mesma pelle; o pescoco, as pernas e os braços estavam ornados de anneis de arame e de latão, em tal quantidade que lhe serviam de armadura. Acompanhavam-no dez homens, e o que ia ao leme governava com tal dextreza que, depois de cada descarga, o barco apresentava-nos immediatamente a prôa, diminuindo portanto o alvo para os nossos tiros. O exemplo d'este chefe parecia estimular todos os outros. Calculando, termo médio, cinco espingardas em cada uma das 13 canôas, elevava-se o numero a 315 espingardas, ás quaes podiamos apenas oppôr 44. Ao principio os indigenas imaginaram que os seus projectis tinham tanto alcance como os nossos; mas breve se convenceram que se enganavam. Depois das nossas primeiras descargas, os mais valentes só se aproximavam até á distancia de cem jardas; apenas o joven chefe de que fallamos vinha frequentemente até muito perto de nós, enviando-nos uma descarga; felizmente, os tiros eram pouco certos. Final, Mauna Sera, um dos nossos, conseguiu ferir-o com um tiro na côxa. Então o valente mancebo rasgou um pedaço da fazenda que o cobria, ligou tranquillamente a ferida, e ordenou com socego aos seus homens que remassem para terra. Deu esta ordem com tanta graça e coragem, que eu não tive animo de o mandar perseguir. Depois que elle partiu, o fogo esmoreceu, e ás cinco horas os nossos inimigos retiraram, permitindo-nos então cuidarmos dos nossos feridos e saudarmos a victoria com tres estrondosos vivas!

STANLEY.

O PINHEIRO

(CONTO DE ANDERSEN)

N'uma floresta, em sitio onde o ar girava livre, e o sol lançava a jorras a sua luz vivificante, vegetava um bonito pinheirinho. Rodeavam-no muitos camaradas mais velhos que elle e tambem mais corpulentos, ativos pinheiros e enormes carvalhos. O maior desejo do pinheiro era attingar a altura e corpulencia dos seus visinhos. Era tal este desejo que nem se lembrava do sol brilhante nem do céu azul, nem dava attenção alguma aos bandos alegres das crianças que das proximidades vinham á floresta colher fructos; muitas vezes, depois das colheitas, sentavam-se junto do pinheirinho, dizendo: — Que lindo! que bonito! Ai, que arvoresinha tão bonita! — Estas palavras enfadavam-no, em vez de o lisongear. — Arvoresinha! pensava elle, sempre arvoresinha!

Todos os annos pela primavera lançava rebentões e crescia um bocadinho. O que elle mais

desejava era crescer com rapidez dez vezes maior. — Oh! quem me dera ser já grande, muito grande, alargar os meus ramos, e dominar com o meu cimo a floresta e a planicie! As aves construíam os ninhos na minha copa e quando o vento soprar mais rijo inclinar-me-hei com tanta graça e magestade como os meus altivos companheiros.

Estes maus pensamentos tornavam-no indifferente ao que devia agradar-lhe mais; nem escutava as harmonias alegres das aves cantando nas ramadas, nem admirava as nuvens purpúreas que durante o dia fluctuavam no azul dos céos. Chegou o inverno, e a neve branca e scintillante. Muitas vezes uma lebre, perseguida pelos caçadores, salvava d'um salto o pinheirinho, que ficava muito injuriado. Dois invernos depois já tinha crescido bastante para que as lebres se vissem obrigadas a passar sob a rama.

Ainda assim elle desejava crescer com muito maior rapidez. — Crescer, subir, ser velho, é a melhor sorte que pôde haver.

No outono vieram os lenhadores, que derrubaram algumas das arvores mais corpulentas; voltavam todos os annos. O pinheirinho já os via com aversão; as arvores magestosas cahiam com tamanho ruido cortadas pelos machados! Cortavam-lhes os ramos e ficavam os troncos tão nus, tão esguios, que nem pareciam os mesmos. Collocavam-nos depois em carros, que os transportavam para fóra da floresta.

Para onde iam? que seria feito d'elles?

Na primavera, quando as andorinhas e as cegonhas voltaram, o pinheiro perguntou-lhes:

— Não sabeis para onde os conduziram, não os haveis encontrado?

As andorinhas não sabiam cousa alguma a este respeito, mas uma cegonha, reflectindo um pouco, respondeu:

— Penso que sei; quando vim do Egypto encontrei muitos navios com seus mastros novos e magnificos; eram elles talvez, os velhos pinheiros da floresta, ainda cheiravam muito a resina. Lá iam orgulhosos da sua posição.

— Quem me dera ser já grande para viajar no mar! Dizei-me como é o mar? Com que se parece?

— Isso levaria muito tempo á contar, disse a cegonha e afastou-se n'um sereno vôo.

— Alegra-te da tua mocidade, lhe diziam os raios do sol; alegra-te da tua belleza, da tua vida cheia de seiva e de frescura!

E o vento acariaciava a arvore, o orvalho aljofrava-o de lagrimas brilhantes; mas o pinheiro nem lhe dava attenção.

Pelo Natal os lenhadores cortaram muitas arvoresinhas, algumas inferiores em altura ao nosso pinheiro ambicioso; eram tambem postas em carros e levadas para fóra da floresta.

— Para onde vão? perguntou o pinheiro: alguns são mais pequenos que eu, e deixaram-lhes todos os ramos. Para onde irão elles?

— Eu sei, eu tambem sei, nós sabemos, chilrearão os pardaes. Estivemos na cidade, e espreitámos atravez das vidraças. Chegaram a ser muito felizes, chegaram ao mais alto grau da felicidade e da magnificencia. Collocaram-nos em salas bem quentes pelos fogões, penduraram-lhes nos ramos bolos, e bonecos, e encheram-nos de luzes.

— E depois?... perguntou o pinheiro, com os ramos a estremecer, depois que aconteceu?

— Nós vimos isto só, ai que bonito era!

— Terei eu tambem uma sorte tão brilhante? pensou o pinheiro. Seria ainda melhor do que andar sobre as aguas do mar. Parecem-me os dias tão compridos! Quando chegará o Natal para eu partir com os meus companheiros? Parece-me estar já n'uma sala bem quentinha, e cheio d'enfeites. E depois... depois provavelmente ha de ser ainda melhor, pois para que era carregar os pinheiros de luzes e bonecos? Quem me dera saber já..., que impaciencia a minha. Sempre sou muito infeliz!

— Alegra-te, lhe diziam o céu e os raios do sol, alegra-te na tua mocidade que viça no seio da natureza singela e pacifica.

O pinheiro crescia sempre; a rama tinha-se tornado d'um verde cheio de vigor e frescura, todos os que passavam, diziam: Que bonita arvore!

Chegou o Natal; elle foi escolhido em primeiro lugar. O machado feriu-o d'um golpe na medulla. Suspirou, tremeu todo, cahiu esvaído. Em vez de pensar na sua felicidade, sentiu-se triste e cheio de agonia por deixar o logar do seu nascimento. Elle bem sabia que não tornava a ver os seus antigos camaradas, os arbustos, as flores mimosas que sempre o haviam cercado, talvez nem tornasse a ver as avesinhas. Aquella partida, aquella separação encheram-no de pesar.

A arvore só voltou a si quando, com muitas outras, a descarregaram n'um pateo. Approximou-se um homem e disse, apontando para o pinheiro:

— Este é bom, muito bom; é este que me convem. Vieram depois dois criados de librés agaloadas, e levaram o pinheiro para o salão d'um grande fidalgo; era um salão cheio de preciosidades, nas paredes quadros de grande valor, na prateleira do fogão porcellanas da China: moveis d'ebano forrados de setim; mesas cobertas de objectos d'arte, marmores, bronzes, livros illustrados, magnificas gravuras, riquissimos albuns.

— Aqui n'esta sala, diziam as crianças, ha cem vezes cem libras.

Puzeram o pinheiro n'uma grande caixa cheia de areia; a caixa estava ornada de lavores e laços de variegadas côres.

A arvore tremia tanto! que iria acontecer?

Vieram depois umas senhoras preparar o pinheiro; nos ramos suspenderam pequenos pape-luchos dourados cheios d'amendoas e pastilhas, penduraram laranjas, nozes prateadas, muitos cavallinhos e açafates; fixaram mais de cem velas vermelhas, azues e brancas. Bonecos tão grandes que pareciam criancinhas, repousavam nos ramos; e no vertice da sua corôa ergueram uma estrella dourada semelhante a um diamante.

O pinheiro estava absorto na sua immensa felicidade, nunca sonhara esplendor tal!

— Esta noite, diziam todos, como ha de ser bonito!

— Ai! quem me dera já a noite! pensou a arvore, quem me dera que todas as velas estivessem accesas. Mas depois que succederá? As outras arvores da floresta virão ver-me? virão os pardaes espreitar-me atravez das vidraças? ficarei eu aqui de verão e d'inverno sempre enfeitado?

Pobre pinheiro, como elle se enganava! e comtudo estas reflexões eram-lhe um supplicio.

(*Continua.*)

GABRIEL PÉREIRA.





VERSOS AO JULIO

NO BAILE DE MASCARAS

Euzebio põe a caraça,
Veste um traje de hespanhol
E satisfeito sobraça
O grande chapeu de sol.

Diz á mulher que se acoite
Sem ter reccio de p'riço,
Que elle vae passar a noite
A casa d'um velho amigo.

N'um frouxo de amor pro'uso
Abraça a cara metade
E direito como um fuso
Vae p'ra o baile da Trindade.

Por entre montões de gente
Anda Euzebio triste e só,
Até que emfim dá de frente
Co'um formoso dominó.

Para um recanto da sala
Co'o dominó se desvia,
E d'est'arte bota falla
Em terna voz de pipia :

— Ó dominó provocante,
Nem tu sabes, tentador,
Como por ti n'este instante
Meu peito pulsa de amor!

Se és solteira, como eu sou,
A desposar-te me obrigo;
Toma o braço que te dou,
Vem d'ahi ceiar commigo...
A A A

— Aceito, torna em voz baixa
O dominó mysterioso;
Mas deixa ver-me essa facha
Meu D. Juan amoroso...

P'ra que a vontade me façás
Concedo-te igual prazer;
Tiremos pois as caraças
P'ra nos dar a conhecer.

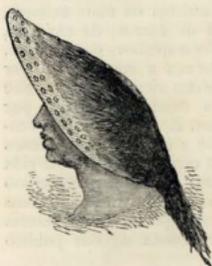
Á masc'ra tirando o nó
Depressa Euzebio encordôa,
Ao ver que o tal dominó
Era a mulher em pessoa...!

De furor ardendo em brasa
L'he diz a mulher: — Então,
A Trindade é que é a casa
Do amigo, seu trapalhão?...!

— Quiz embutir-me a patranha
Mas o pretexto era chôcho...
Fois mais depressa se apanha
Um mentiroso que um coxo...

D. MARIA DO Ó.

PENTEADOS Á MODA... AFRICANA



Penteado dos ugogos



Penteados dos uruas



Os cabelleireiros francezes têm inventado mil penteados, mais ou menos extravagantes; mas a sua aliás poderosa phantasia está muito

descripção d'essas cabelleiras monstruosas; por isso julgamos preferível apresental-as em gravura. Se lhes agradar algum d'esses penteados,



Penteados dos uruas



Penteado da gente de Quimbândi



Cabeças dos uruas



longe de poder lutar com a dos negros filhos d'África. Póde dizer-se que cada tribu indigena usa d'um penteado diferente. Seria difficil a

aproveitem; mas damos de conselho que não sejam impacientes; que esperem ao menos... pelo carnaval.

DE LISBOA A PARIS

VI

As reliquias que a *santa capella* guardava eram a corôa d'espinhos do Salvador do mundo, pedações do sudario, da cruz, do ferro da lança e da esponja da paixão, a canna da flagellação e fragmentos da toalha do lava-pés, de cabelos e veu da Virgem e do cráneo de S. João Baptista.

A *santa capella* é admiravel nas proporções, na pureza da execução, riqueza de ornamentos e belleza dos materiaes. É uma obra prima de estylo gothico, ou antes não é templo, é um grande relicario, tal é a sua belleza, riqueza e delicado lavor.

Lá se mostram as tribunas de S. Luiz do lado do evangelho e de sua virtuosa mãe a rainha D. Branca, do lado da epistola.

Terminaremos esta noticia narrando um factio, succedido em nossa presença.

As obras de reedificação ainda continuam, ao menos externamente.

Quando alli estavamos com outras muitas pessoas, o porteiro mais de uma vez nos convidou a cobrir-nos, repetindo, *cubram-se que isto é apenas um monumento nacional.*

Pois ninguem se cobriu, tal é a impressão que produz o notabilissimo santuario.

Chamam alli todo o respeito a memoria querida do meigo S. Luiz e da boa rainha Branca, a voz augusta da crença de seis seculos e o respeito que inspira o genio, revelado ou seja nas letras ou seja nas artes.

Sim, para nos conservarmos descobertos, surgiam-nos alli ante os olhos do espirito as figuras grandiosas de S. Luiz, da rainha Branca e de *Monteraut.*

Fui mais diffuso tratando de igrejas, monumentos da mais alta significação moral; serei mais breve escrevendo sobre theatros, de que mencionarei sómente aquelles que melhor impressão fizeram no meu excellento amigo, a cujas informações n'esta parte me reporto.

Eden-theatre é uma verdadeira maravilha, pelo estylo oriental, pela profusão da illuminação e espelhos, pelos jardins e cascatas, pelo esplendor das escadarias e salão, pela belleza da casa d'espectaculos, pela riqueza do scenario e pelo pessoal numerosissimo de excellentes artistas.

Grande-Opera. cantava-se em francez o *Hamellet.* Eram optimos o soprano e o baritono, e o resto regular. Vistas soberbas, de effeito surprehendente e novo, pois que se não limitam á illusão que pôde dar o mais habil pincel. Os pannos são rôtos de fórma que, pontes, rochas e arvores, etc., tem a mais completa illusão.

A sala do espectáculo, mui rica, é pezada e os camarotes são pequenos baldões, em que empilham os espectadores, uns atraz dos outros, não podendo haver a satisfação de se estar só em familia. Mas que se dirá das escadarias, do

salão do *foyer* e mesmo de todo o aspecto exterior d'este theatro?

Sem duvida é o primeiro do mundo, tanta é a grandeza de risco e a profusão dos marmores e de todos os metaes que a architectura mais arrojada podia empregar para produzir taes primores, taes deslumbramentos.

Hypodromo. enorme circo, quasi da grandeza da praça de D. Pedro, em Lisboa. É de fórma oval. Bella orchestra, artistas os mais eximios, apparato deslumbrante de carros, de cavallos, de vestimentas. De tudo o melhor, o mais rico, esplendido. Sempre começa o espectáculo por tres damas, trajando vestes ricas e roçagantes e guiando carros gregos tirados cada um por quatro formosos cavallos. Recolhendo-se as vencidas, a vencedora segue a receber os applausos e as corôas. Termina o espectáculo pela corrida ao desafio de 36 damas, que, montando como cavalleiros, guiam e incitam quanto podem seus finos e ageis corceis, para ganharem as palmas e as corôas que á vencedora dá um publico entusiasmado.

Ao menos aqui os applausos sempre são merecidos, o que não acontece nos outros theatros de Paris, nos quaes o uso das *clagues* chega a um excessu indignissimo de tal cidade e desacreditador do gosto francez na opinião dos estrangeiros, deveras offendidos com aquelles applausos dados a torto e a direito a tudo, a tudo, ao talento eximio como á mediocridade mais vulgar.

Se a falta de louvor entibia o genio, o louvor immercido desnortea-o, estraga-o e torna petulantês a inhabilidade e a negligência.

É caso porém de se dizer *cá e lá más fadas ha.* Se a *clague* desenfreada é altamente condemnavel, mais o é a selvagem pateada portugueza, que um publico civilisado facilmente substitue.

Deixando de tratar de theatros, affirmamos que alguma coisa ha que louvar nos costumes publicos francezes.

As senhoras são tratadas com muita deferencia. Nunca a ellas nem aos ecclesiasticos ouvi dirigir expressão desrespeitosa; nunca vi em parede, ou fosse onde fosse, palavra ou desenho inconveniente.

São pouco usados os muros de pedra e cal, mas em geral gradeamentos ou paredes de arbustos bem aparados, por sobre as quaes muitas vezes tombavam para fóra ramos com fructas ou flôres, em que ninguem tocava. É isto tudo digno de louvar, mas não o é conduzirem os moços volumosas cargas pelos passeios das ruas e serem tão descuidados em seus fardamentos os milítars.

São vistos raros officaes e os que apparecem cingem sempre a sua espada.

Estamos bem longe de pretender dar uma

descrição de Paris; dou apenas noticia das impressões que senti durante os poucos dias que alli passei.

Não deixarei contudo de dar conhecimento ainda que levissimo dos maiores emporios commerciaes d'esta grande cidade.

O *Bon-marché* é todo um quarteirão de grandiosa cazaria, cujas lojas e primeiros andares são occupados pela exposição de tudo que a industria pôde produzir, e o resto do edificio é occupado pela moradia dos caixeiros d'um e d'outro sexo, os quaes, com todos os serviços são em numero de 3:000, ás refeições servidos por 6 turnos.

Não se faz idéa da concorrência enormissima de compradores n'este, quer-nos parecer, o primeiro estabelecimento commercial do mundo.

As escadarias são bem construidas e largas, mas não de mais para tantos que continuamente sobem e descem e se cruzam e agglomeram em todas as direcções, produzindo a vozeria de um grande mercado. Ahí se vende de tudo desde as coisas mais insignificantes até a moveis primorosos e a tapeçarias do mais alto preço. É tudo isto está perfeitamente regulado e elegantemente disposto desde as entradas até ás partes mais elevadas, d'onde, pelas varandas das escadarias pendem estofos preciosissimos que encantam, deslumbram, seduzem.

Um pequeno episodio.

Todos sabem que encanto produz ouvir inopinadamente a linguagem da patria.

Estava eu pois com o meu amigo junto de um balcão, quando de repente passam junto de nós duas senhoras, uma mais edosa do que a outra. A esta dizia áquella: *não, filha, não é aqui.*

Voltei-me e ia saudal-as, mas a mó da multidão logo as separou de mim para não mais as ver e talvez nunca saber quem eram.

O *Bon-marché*, pertencente hoje á viuva do seu fundador, vende por dia 50 contos, que no anno fazem a enorme somma de 18 mil contos.

Tem mais de 50 balcões de *comptoir*, ou de caixeiros só encarregados de receber o preço, dar trocos e lançar nos livros.

Tem muitas entradas e a ellas estacionam sempre muitos carros, com excellentes parelhas, cocheiros e conductores bem fardados.

O *Louvre* tambem occupa um quarteirão proximo dos palacios d'esse nome. A sua illuminação ainda é mais brilhante e a freguezia mais aristocratica, porém menos numerosa do que a do *Bon-marché*.

Perto fica o *Palais-Royal*, cujas galerias, em vasto quadrado e cercando bellos jardins, são occupadas por deslumbrantes lojas, principalmente de ourives.

O *Printemps*, no boulevard *Malesherbes*, é um bello edificio, de construcção toda marmorea, elegante e ladeada de torres. Abunda em objectos da China e Japão.

Ha n'elle muito bom gosto e magnificencia, contudo é menor sua importancia commercial, comparando-a com a do *Bon-marché* ou do *Louvre*.

As *passages* ou travessas cobertas de vidraça, communicando ruas importantes, são ladeadas de estabelecimentos de primeira ordem, á noite brilhantemente illuminados. Devo fazer especial menção de dois que existem na passagem *Jouffroy*: um de ourives, onde se admira uma custodia, que tem figurado com distincção em exposições universaes; outro de variadissimos objectos, principalmente de metal, de que tem specimens primorosos de labor e de bom gosto. Não darei largas á memoria e á vontade de relatar, se não custaria a chegar ao termo do que não deve passar de simples noticia da esplendida capital franceza, de que, após 15 dias, tivemos que apartar-nos, porque nos chamavam o dever social e o dever familiar.

Partimos na noite de 28 de setembro. Chegámos a *Bordeaux* de madrugada; á 1 hora e meia da tarde a *Irun*, primeira terra de Hespanha; e ás 9 da manhã de domingo, 30 de setembro a *Madrid*, alojando-nos no excellent *hotel de Embajadores*.

(Continúa)

SILVA FIGUEIRA.



A RAPOSA E O BODE ¹

(FABULA DE LAFONTAINE)

Iam, bode e raposa em companhia
(Dois amigos de tu, como se diz)
Ella era espertalhona, elle não via
Nem um palmo adiante do nariz.

Ambos tinham comido bem ao almoço;
Apertou-os a sede mais ardente
No caminho; desceram a um poço
Onde beberam farta e alegremente.

Diz a raposa ao bode: Amigo meu,
É preciso sahir d'este logar;
Empina junto ao muro o dorso teu
Porque sobre teus paus quero trepar.

Quando do poço eu alcançar a borda
Dar-te-hei a mão, e saltarás depressa.
O bode (tolerirão!) n'isto concorda
E diz para a raposa: Tens cabeça.

Mas apenas a astuta se vê fóra
Diz ao pacovio, seu amigo e socio:
«Adeus, não posso demorar-me agora
Porque tenho a tratar certo negocio.»

Um passo não dá ninguém
Antes de bem reflectir,
Que não se deve entrar sem
Saber por onde sahir.

J. I. D'ARAÚJO.

¹ Por engano da typographia sahiti no numero anterior trocada a fabula que devia acompanhar a gravura. Era esta que lhe correspondia, e não o *bode* e a *raposa*. As raposas são capazes de enganar o mais esperto!

ALEGRIAS

Um certo jornal de Lisboa, redigido por cavalheiros muito illustrados, publicou aqui ha tempos, a seguinte estapafurdia noticia:

«O rei Humberto, anda ha oito dias caçando nos Alpes. Tem matado grande numero de camellos, com os quaes tem obsequiado muitos fidalgos da sua côrte.»

Camellos nos Alpes!!! — E para que quereiam os fidalgos camellos mortos?!

O pobre noticiarista, traduziu *chamois* (camurça) por camello, que em francez, é *chameau*.

Um jornal da Beira, dizia o anno passado:

«O rei D. Affonso XII, com varios fidalgos, têm andado á caça, e só em dois dias *mataram 318 conegos.*» (!) — Poucos *conegos* ficariam vivos em Castella!...

O diabo do *canonicida*, traduziu *conejos*, coelhos (que se lê *conégos*) por *conegos*, que em hespanhol são *canonigos*!

Todos sabem que o grande Frederico, rei da Prussia, formou um regimento, composto exclusivamente de homens de estatura agigantada, para o que tinha agentes recrutadores em varios reinos da Europa, que ou por dinheiro ou roubados, forneciam ao rei soldados da medida, dos quaes formou a sua guarda, á qual todos os dias passava revista, pelo que já conhecia os soldados um por um, e, apenas chegava algum de novo, lhe fazia invariavelmente as seguintes perguntas:

Quantos annos tens? — Quantos annos tens de serviço? — Estás pago do pré e do fardamento?

Um dia achou de mais na sua guarda um formoso rapagão, e logo lhe dirigiu as perguntas do costume, mas d'esta vez não foram feitas na mesma ordem. O rapaz era italiano e não sabia uma unica palavra da lingua da Prussia, pelo que o capitão lhe ensinou a responder ao rei, quando este o interrogasse, como era de esperar, mas pela ordem em que o rei sempre o fazia.

Eis como o caso aconteceu:

Rei — Quantos annos tens de serviço?

Soldado — Vinte e dois, real senhor.

Rei — Vinte e dois! Então quantos tens de edade?

Soldado — Saberá Vossa Magestade, que tenho dois annos.

Rei — Ou tu, ou eu, estamos doists!

Soldado — Ambos, meu senhor.

O capitão, que não parava com riso, explicou a coisa ao rei, e ambos se riram muito do caso.



HORAS ENTRETIDAS

194 — LOGOGRIPO POR LETTRAS

(Á MENINA D. HERMINIA)

Se tu soubesses o quanto 2, 1, 9
Eu sinto no coração; 2, 1, 9, 3
Euxugavas o meu pranto 6, 5, 8, 4, 9
Abrandando esta paixão. 2, 4, 2, 6, 1, 2, 3

P'ra isto não é preciso 1, 2, 6
Arriscar a tua vida 1, 9, 3, 3, 5, 3
Basta só um teu sorriso 6, 7, 8, 2
Na hora da despedida. 4, 9, 3, 3, 9

Com esse sorriso teu 5, 1, 7, 6, 7, 2
O filha, crê que é verdade! 4, 6, 2, 3, 9
Fazias até com que eu 3, 7, 1, 2
Te amasse, na eternidade! 1, 2, 3, 7, 2

Pois é tal o meu affecto,
É tanta a minha paixão!
Que me julgo o teu dilecto
O dom do teu coração!

Vizeu

O PEQUENO ANTONISINHO.

195 — ENIGMA

O meu todo reunido,
Acredita, meu leitor,
É um bicho conhecido
Que ás vezes causa pavor.
Porem se um e me juntas,
Ilepois de um a tirado,
Vês-me logo n'um instante
Em metal transformado.

Monchique

CUNHA & C.^a

196 — CHARADA NOVISSIMA

Não está triste no campo este homem — 1 — 2

Monchique

GASCON.

197 — CHARADA NOVISSIMA

Não é contra o peso que dirige o exame — 1 — 2

198 — CHARADA NOVISSIMA

No alphabeto todos temos uma planta — 1 — 3

Lisboa

OS DOIS PYRAMPOS.

199 — CHARADA NOVISSIMA

No moinho rio por escarnec — 1 — 2

Monchique

CUNHA & C.^a

200 — CHARADA DUPLA

(OFFERECIDA A BÉBÉ, CHARADISTA VIENNESE)

- 1 — Quem me tiver pôde andar — 1
Pelas portas a mendigar; — 2
2 — Mas se n'este vae cahir,
Pode mi bem succumbir.

CONCEITO

Fructo grato ao paladar
À direita has de encontrar;
À esquerda pôde ser
Um abysmo de temer.

Vizeu

ZERO.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

186, Comediante — 187, Postres — 188, Ganoga — 189, Vagalume —
190, Ovelha — 191, Bolama — 192, Anjo — 193,

A
AMA
AMIGO
AGA
O